

GT 09 - Cartas Pedagógicas e Educação: um convite aos diálogos multidisciplinares

CARTA ÀS JUVENTUDES

Rainei Rodrigues Jadejiski

Alto Rio Novo, 03 de dezembro de 2025.

Queridas juventudes,

Escrevo a vocês movido pela esperança que brota do chão onde o sonho insiste em germinar. Acredito que cada palavra, quando nasce do diálogo, é também semente de transformação. Esta carta nasce do meu desejo de conversar com quem caminha comigo nas escolas, nos territórios, nas redes e nas encruzilhadas da vida – com quem pergunta, sonha, provoca, resiste e reinventa os sentidos de ser jovem e de ser educador em tempos tão desafiadores.

Vivemos tempos permeados por incertezas, mudanças rápidas e disputas que tocam diretamente os modos de existir das juventudes. Entre políticas que avançam e retrocessos que ameaçam direitos, percebo que vocês carregam perguntas que não cabem em respostas prontas. Por isso, esta carta também nasce do compromisso de reconhecer a força política das juventudes, que seguem afirmando seus modos de vida, denunciando desigualdades e anunciando novos horizontes possíveis.

Aprendi, convivendo com vocês, que juventude é um modo de estar no mundo, de existir com intensidade e coragem. Cada gesto, cada olhar e cada silêncio me ensinam que há muitas juventudes – diversas, plurais, múltiplas – que se movem entre a urgência da vida e o desejo de mudar o que parece impossível. No cotidiano da escola e fora dela, encontro juventudes que fazem perguntas, que questionam o que está posto e que me convidam a reaprender o sentido de educar.

Como lembram Dayrell e Carrano (2014), juventude não é uma fase natural da vida, mas uma construção social marcada por projetos, disputas e possibilidades. Essa compreensão me ajuda a reconhecer que cada jovem é tecido por histórias, territórios e expectativas diversas, que exigem de nós educadores uma escuta

sensível e uma postura ética diante das experiências que vocês carregam. Escutar vocês é um exercício de reconhecimento da legitimidade de seus projetos de vida, de suas lutas e de suas presenças. Cada narrativa compartilhada por vocês reorganiza meu modo de compreender o que significa educar em territórios tão diversos quanto os nossos.

Cada encontro com vocês me move a sonhar com uma escola que se redesenha a cada amanhecer. Caldart (2012) lembra que a escola ganha sentido quando dialoga com os territórios de vida e com os saberes que os sujeitos produzem em comunidade. É nesse encontro entre o vivido e o aprendido que o conhecimento se torna realmente emancipador. Quando a escola se abre ao território e reconhece as histórias que o constituem, ela deixa de ser apenas um prédio e se torna um espaço de memória, de luta e de pertencimento.

Nas salas de aula, nos pátios, nas rodas de conversa e nas redes digitais, percebo o quanto as juventudes são criadoras de sentidos e de mundos. Entre o lápis e o celular, entre o trabalho e o estudo, entre a roça e a cidade, vocês constroem pontes e produzem saberes. Haesbaert (2004) chama esse movimento de “multiterritorialidade”: a capacidade de habitar vários mundos ao mesmo tempo, ressignificando-os. Vocês, juventudes, transitam por esses territórios com criatividade e resistência, e isso também é produção de conhecimento.

Além disso, ao caminhar com vocês, percebo também que as juventudes criam novas formas de participar da vida pública e de intervir no mundo. Seja no cuidado com a comunidade, na defesa da escola, nas práticas culturais, nas iniciativas de solidariedade ou nos debates que movimentam as redes digitais, vocês mostram que a participação política não se limita às instâncias formais. Ela se expressa na criatividade, nas alianças que vocês constroem e na capacidade de transformar inquietações em ações. Essa potência me ensina que a democracia se alimenta da voz juvenil e que nenhuma sociedade pode se reconfigurar sem escutar quem nela anuncia novos modos de existir.

Essa circulação entre mundos revela desigualdades históricas, mas também potências criativas. As juventudes negras, indígenas, quilombolas, rurais e periféricas têm mostrado que é possível transformar fronteiras em pontes e afirmar identidades que resistem aos processos de silenciamento. Vocês reconfiguram modos de viver e anunciam futuros que ainda estamos aprendendo a enxergar.

Ensinar e aprender com vocês é perceber que o conhecimento não cabe em

paredes, mas se expande no diálogo com a vida, com a cultura, com os territórios e com os afetos. Paulo Freire (1996) nos ensina que educar é um ato de coragem e de abertura ao encontro com o outro. Aprender com vocês é experimentar essa pedagogia da presença, que transforma a palavra em gesto político e humanizador.

Nos encontros cotidianos, percebo que aprender com vocês também é exercitar a humildade e reconhecer que a educação se faz no entrelaçar das gerações. Há sabedorias que não estão nos livros, mas na maneira como vocês habitam o mundo, ressignificando dores, criando afetos e produzindo outras linguagens para existir.

No convívio na vida escolar e para além dela, descubro que educar é, sobretudo, partilhar caminhos, e que nenhuma escola se sustenta sem o protagonismo juvenil. Vocês me ensinam que é possível transformar o medo em coragem, o silêncio em palavra e a palavra em ação. Cada projeto que nasce da curiosidade de quem aprende e quer mudar, cada gesto de solidariedade, cada ato de resistência é uma aula viva de cidadania e de humanização.

É nesse horizonte que a esperança, como afirma Freire (1992), deixa de ser espera passiva e se torna movimento capaz de reinventar o mundo. Vocês me lembram todos os dias que o inédito viável existe – e que é preciso ousar para alcançá-lo. Vivemos tempos em que a esperança parece ser constantemente posta à prova. Mas é justamente nesse cenário que a presença de vocês se torna ainda mais necessária. O mundo precisa da ousadia das juventudes para reafirmar o direito de sonhar. Não há esperança verdadeira sem ação. Por isso, convido vocês a acreditar na força do diálogo, na potência da palavra e na beleza das pequenas transformações.

Que possamos seguir construindo, juntos, um projeto de escola que reconheça as juventudes como sujeitos de direitos, criadores de cultura e protagonistas de transformações sociais. O futuro não é um lugar distante: ele começa no modo como nos olhamos, no cuidado que dedicamos uns aos outros e na coragem de sonhar coletivamente.

Que continuem me ensinando a olhar o mundo com indignação diante das injustiças e com ternura diante da vida. Que sigam acreditando na própria voz e na força de escrever a própria história. Que o aprendizado continue acontecendo na partilha, na escuta e na esperança ativa de quem sabe que educar é um ato de amor.

Se há algo que aprendi caminhando com vocês é que nenhuma esperança é pequena quando nasce da partilha. Cada sonho que vocês confiam à escola se torna também responsabilidade nossa. Que possamos, educadores e juventudes, fortalecer uma pedagogia que não desiste das pessoas e que afirma a vida em toda sua potência.

Que minhas palavras encontrem abrigo nas páginas da vida e que, de cada encontro, nasçam novas cartas, novas histórias e novos mundos possíveis.

Com afeto e esperança,
Rainei Rodrigues Jadejiski
Educador que aprende com as juventudes

Palavras-chave: Palavra 1. Palavra 2. Palavra 3.

Referências:

CALDART, Roseli Salete. Educação do Campo. *In*: CALDART, Roseli Salete; PEREIRA, Isabel Brasil; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio (org.). **Dicionário de Educação do Campo**. Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio/São Paulo: Expressão Popular, 2012, p. 259-267. Disponível em: <https://www.epsjv.fiocruz.br/sites/default/files/l191.pdf>. Acesso em: 03 dez. 2025.

DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo César Rodrigues. Juventude e Ensino Médio: quem é este aluno que chega à escola. *In*: DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo César Rodrigues; MAIA, Carla Linhares (orgs.). **Juventude e Ensino Médio: sujeitos e currículos em diálogo**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. Disponível em: https://educacaointegral.org.br/wp-content/uploads/2015/01/livro-completo_juventude-e-ensino-medio_2014.pdf. Acesso em: 03 dez. 2025.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.